

“DORMIR É PARA OS FRACOS”: TEMPO E TRABALHO NA ERA DO DESEMPENHO E DA PRODUTIVIDADE¹

Thaís Regina AIELLO²

Marcelo BALBINO³

Universidade Metodista de São Paulo
São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

A partir de aspectos teóricos e dos achados empíricos de suas pesquisas de mestrado, Ideário neoliberal e cultura do management: estudo sobre construção de opiniões e geração de sentidos a partir do conceito de meritocracia e do léxico neoliberal (AIELLO, 2023) e Um olhar sobre a aceleração social e técnica, velocidade e os usos do tempo: o caso das atividades criativas e de comunicação (BALBINO, 2019), os autores problematizam a noção de tempo, em especial quanto ao conceito de aceleração social e seus impactos no mundo do trabalho. O estudo objetiva compreender a lógica de tempo social sob o neoliberalismo, no contexto da era do desempenho e da produtividade, inclusive a partir da cultura do *management*, dispositivo que vem contribuindo para o espraiamento de valores, princípios e padrões do ideário neoliberal para além do universo corporativo, influenciando outras instâncias da vida e da sociedade. Trata-se, aqui, de uma análise crítica que tem por base a interlocução dos pesquisadores acerca de suas descobertas e dos autores que pautaram seus trabalhos acadêmicos.

PALAVRAS-CHAVE

Tempo; aceleração social; neoliberalismo, ideário neoliberal, cultura do *management*.

RESUMO EXPANDIDO

No neoliberalismo, competitividade, alto desempenho, produtividade crescente e o imperativo de fazer cada vez mais com menos – menos recursos, menos pessoas, menos tempo – compõem um modelo que se perpetua e vem se intensificando no contexto digital do século XXI. Na cultura do *management*, um dos dispositivos do neoliberalismo, não há tempo de respiro: as metas atingidas dão lugar a novas demandas e novas metas a atingir, em uma espiral crescente e incessante. Com a evolução

¹ Trabalho apresentado ao GT Comunicação e Trabalho, evento integrante da programação 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 03 a 06 de setembro de 2024.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, com bolsa Capes; mestre em Comunicação Social pela UMESP, com bolsa CNPq. Jornalista profissional pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Pesquisadora no Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA-USP). ORCID 0000-0002-3001-7183. Email: aiellothaisregina@gmail.com.

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, com bolsa Capes; mestrado em Comunicação, Arte e Cultura pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, em Braga, Portugal. ORCID 0000-0002-4447-7631. E-mail: marcelobalbino22@gmail.com.

tecnológica, a aspiração por mais facilidade no trabalho e maior qualidade de vida, com mais tempo de ócio criativo, não se realizou. Ao contrário, as fronteiras entre vida pessoal e trabalho nunca foram tão difusas. Na atualidade, a diretriz está em manter-se veloz e empenhar todas as horas do dia para ser o mais produtivo possível, seja no trabalho, seja na vida.

A aceleração técnica está no cerne da questão, ainda que seja mais um meio de exercício do poder do que propriamente a causa. Com o investimento em tecnologia, o capital também intensifica e acelera seu domínio, em um movimento retroalimentador que garante cada vez mais poder e supremacia – ainda que surjam (ou possam surgir) brechas de resistência no processo.

A escala da aceleração inovativa é exponencial. Ela se dá de modo multiplicativo e, numa reação em cadeia, vai encurtando o tempo entre uma e outra inovação disruptiva, possibilitando saltos qualitativos. Se o rádio levou quase quatro décadas para alcançar a marca de 50 milhões de receptores, a televisão o fez no período de 13 anos. Já a internet levou apenas 4 anos para ultrapassar a marca de 50 milhões de conexões (ROSA, 2019, p. 148). E o caminho continua aberto para a quebra de recordes, como se pode verificar com os dispositivos de inteligência artificial (IA), uma vez que o ChatGPT alcançou 100 milhões de usuários apenas dois meses após seu lançamento, em janeiro de 2022.

Para Rosa, criador da teoria crítica da aceleração social e dos novos modelos de estruturas temporais, na modernidade a sociedade só se estabiliza a partir do movimento e da velocidade, e essa estabilização ocorre de forma dinâmica, frente ao “adensamento de inovações e à aceleração, como meio de manter e reproduzir sua estrutura” (ROSA, 2019). Segundo o autor, a aceleração social se alicerça em três formas de aceleração imbricadas entre si: a tecnológica; a relativa à mudança social e a que se conecta ao ritmo de vida.

A aceleração técnica abrange inovações em termos de maquinário, equipamentos e processos, novidades que têm impacto na aceleração da mudança social, na qual o momento presente se contrai, “tanto na política quanto na economia, na ciência e na arte, tanto em relações de emprego quanto nos arranjos familiares, em orientações morais e práticas cotidianas, bem como, com isso, em perspectivas culturais e estruturais” (ROSA, 2019, p.152). Já a aceleração do ritmo de vida envolve

encurtamento de tempo dedicado a atividades, inclusive as mais corriqueiras e prementes ao ser humano, tais como o tempo dedicado ao sono, às refeições, à convivência com a família. Manifesta-se, ainda, no aumento/acúmulo de episódios de ação ou, por outro lado, na diminuição de intervalos entre ações, entre o término de uma atividade e o início de outra (ROSA, 2019, p.155), ou na redução de permanência em eventos, quer de lazer, como a ida ao cinema, quer um compromisso de caráter compassivo e social, como um velório.

Esse encurtamento de tempo para a vida está em sintonia com as exigências do *management*, onde, para se manter no jogo, é preciso atender às expectativas de uma dedicação exaustiva. O incentivo à autossuperação é constante e, em caso de fracasso, a lógica individualista que perpassa o ideário neoliberal garante que o próprio indivíduo se veja como responsável por seu insucesso – e seja igualmente visto pela sociedade como tal. Vive-se, portanto, o tempo da angústia, de uma espécie de feitor de si, no qual o indivíduo acaba por se submeter de modo espontâneo às armadilhas do sistema. “Tal qual uma maratona de dança em que os concorrentes bailam até a exaustão, estabelece-se uma dinâmica de motocontínuo, na qual o sujeito deixa de se aperceber do caldo em que está imerso (AIELLO, 2023, p. 10).

O motocontínuo traz consigo um tempo de incompletude, pois os ciclos não se fecham. Byung-Chul HAN (2017; 2021) considera essa sensação de incompletude como algo inerente à lógica neoliberal. Segundo o filósofo, vivemos a sociedade do desempenho, que sucede a sociedade disciplinar vigente na maior parte do século XX. Na passagem de um modelo a outro, os sujeitos da obediência deram lugar aos sujeitos do desempenho e da produção, com o registro do dever se transmutando em poder no inconsciente social (HAN, 2017, p. 25).

Esse quadro não fica restrito ao âmbito do trabalho pois, como já observado, o ideário neoliberal se espalha para outras esferas da existência humana, especialmente no contexto das redes sociais e da hiperconectividade. Assim, Han enfatiza de que maneira o neoliberalismo tem comprometido a própria noção de tempo

A sociedade do cansaço atual faz o próprio tempo de refém. Ela o acorrenta ao trabalho e o transforma em tempo de trabalho. O tempo do trabalho é um tempo sem conclusão, sem início e sem fim. [...] A pausa não marca, como pausa do trabalho, um outro tempo. Hoje, não temos nenhum outro tempo senão o tempo do trabalho. O tempo do trabalho se totaliza como o tempo.

[...] Também o relaxamento é apenas uma modificação do trabalho, na medida em que serve para a regeneração da força do trabalho. A recuperação não é o outro do trabalho, mas o seu produto. (HAN, 2021, p. 32-33).

O tempo seria, portanto, uma categoria transversal a todas as áreas da vida, “sendo medido, negociado, vivido, imaginado, percebido e ressignificado em temporalidades individuais, coletivas ou subjetivas (BALBINO, 2019, p. 22).

Entre os achados empíricos das pesquisas de mestrado dos autores do presente trabalho, há material relevante para a reflexão sobre o tempo no contexto do neoliberalismo. Envolvendo levantamento quantitativo e entrevistas qualitativas com jornalistas, Um olhar sobre a aceleração social e técnica, velocidade e os usos do tempo: o caso das atividades criativas e de comunicação (BALBINO, 2019) constatou que 90% dos participantes afirmam sentir a aceleração do tempo, sendo que 75% se diziam cobrados prioritariamente em função dessa variável. Igual porcentagem (75%) acredita que a tecnologia acelerou o trabalho jornalístico, enquanto 67% consideram que a tendência é de aumento da aceleração. Perguntados se, diante dessas circunstâncias, o trabalho já havia ocasionado problemas de saúde, 100% dos participantes responderam afirmativamente.

Com relação à pesquisa Ideário neoliberal e cultura do management: estudo sobre construção de opiniões e geração de sentidos a partir do conceito de meritocracia e do léxico neoliberal (AIELLO, 2023), foi realizado trabalho exploratório no portal Exame.com, principal mídia de economia e negócios do Brasil, a partir a palavra-chave meritocracia, no período de outubro de 2008 a dezembro de 2019. Das 460 matérias identificadas, foram selecionadas 236 publicações a título de *corpus*, priorizando-se material com perspectiva versando sobre gestão corporativa. A metodologia empregada foi a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), com apoio da Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRaMuTeQ), tecnologia adequada a corpus mais extensos.

Das constatações a respeito do tempo de trabalho, pode-se observar que tem se tornado mais alongado, com cargas que obrigam a permanência na empresa após o expediente regular ou, ainda, a necessidade de concluir em casa as atividades profissionais, havendo uma invasão do tempo e do ambiente pessoal. Vale lembrar que o estudo se concentrou em período anterior à pandemia do Coronavírus, indicando que a fluidez de fronteiras já era uma realidade antes mesmo da Covid-19.

Verifica-se uma normalização da rotina frenética de produtividade das empresas, bem como a exposição dos trabalhadores a sacrifícios pessoais, familiares, sociais e emocionais em razão desse estilo de vida. Foi possível identificar também uma redução no prazo de cumprimento do sistema de remuneração por metas. De anuais, elas passaram a ser computadas em espaços de tempo mais exíguos, utilizando-se como justificativa dessa diminuição de tempo a necessidade de manter a equipe motivada.

Acordar cedo é algo que aparece com frequência ao longo dos resultados, havendo citações sobre reuniões e encontros agendados para 6h30 da manhã. A ideia de subtração de tempo do sono, algo vital para o ser humano e da qual depende sua saúde e bem-estar, não se restringe a dormir pouco ou acordar cedo. Os traders, que atuam no mercado financeiro, são valorizados por despertarem no meio da madrugada para conferir o movimento das bolsas asiáticas.

Sangue nos olhos, faca nos dentes, alto desempenho, trabalho árduo, bater meta, fazer acontecer, fazer dinheiro, chegar lá são expressões recorrentes no conteúdo editorial estudado – e, certamente, esses clichês, assimilados e internalizados, dão contorno a um *modus operandi* deflagrador de burnout. É essa espécie de dialeto que tempera o caldo neoliberal, impregnando corações e mentes não apenas dos operadores do sistema, mas também dos que são levados a abstrair as condições estruturais, acreditando que o sucesso e o “se dar bem na vida” é uma questão que se resume a muito trabalho, vontade de vencer, pouco sono (dormir é para os fracos!) e alguma competência. (AIELLO, 2023, p. 106).

Cotejar as descobertas das duas pesquisas, bem como realizar o intercâmbio de saberes conceituais aplicados às respectivas dissertações, possibilitou ampliar a visão sobre o binômio tempo e trabalho no contexto do neoliberalismo e da cultura do *management*. Espera-se, assim contribuir para novas reflexões, pesquisas e aprofundamentos acerca da temática.

REFERÊNCIAS

AIELLO, T.R. **Ideário neoliberal e cultura do management**: Estudo sobre construção de opiniões e geração de sentidos a partir do conceito de meritocracia e do léxico neoliberal. Dissertação de Mestrado pela Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo, 2023. Disponível em <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/2297>.

BALBINO, Marcelo. **Um olhar sobre a aceleração social e técnica, velocidade e os usos do tempo**: o caso das atividades criativas e de comunicação. Dissertação de Mestrado pela Universidade do Minho. Braga, Portugal, 2019. Disponível em <https://hdl.handle.net/1822/66150>.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos**. Petrópolis, RJ: editora Vozes, 2021a.

_____. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

ROSA, H. **Aceleração**: A transformação das estruturas temporais na modernidade. Tradução: Rafael H. Silveira. São Paulo, Brasil: Editora Unesp, 2019.